

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Luigi de Carvalho Caruso

**DEVORAÇÃO E RAZÃO: DIÁLOGOS ENTRE A ANTROPOFAGIA OSWALDIANA E A ÉTICA DE
SPINOZA**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. André Monteiro Guimarães Dias Pires

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Luigi de Carvalho Caruso, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201472164A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Devoração e Razão: Diálogos entre a Antropofagia Oswaldiana e a Ética de Spinoza**, desenvolvido durante o período de 5 de Março de 2017 a 4 de Julho de 2017 sob a orientação de André Monteiro Guimarães Dias Pires, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

LUGI DE CARVALHO CARUSO

DEVORAÇÃO E RAZÃO: DIÁLOGOS ENTRE A ANTROPOFAGIA OSWALDIANA E A ÉTICA DE SPINOZA

Luigi de Carvalho Caruso¹

RESUMO

O trabalho tem como pretensão apresentar desdobramentos de um possível diálogo entre o conceito de Antropofagia, formulado por Oswald de Andrade, e a Ética de Baruch de Spinoza. Partindo diretamente do manifesto Antropófago, seu autor inaugura não apenas uma construção dialética da arte como também um novo *ethos*, principalmente a partir da sua *Crise da Filosofia Messiânica* de 1950. A superação do dogmatismo e das figuras autoritárias perpassa ambas as filosofias e estas se encontram a partir do momento em que pretendem uma superação do *establishment*; seja ele relacionado à hegemonia eurocêntrica sobre a cultura brasileira, seja ele relacionado à religião institucionalizada. Este artigo tratará destes encontros.

PALAVRAS-CHAVE: Antropofagia. Civilização. Ética. Instituição. Liberdade.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo intenta para o encontro entre as obras de Oswald e Spinoza. Os manifestos Pau-Brasil e Antropófago inovaram o processo de composição artística e inauguraram o Modernismo no Brasil. Além disso, o conceito de antropofagia também ocasiona uma nova reflexão sobre o sujeito brasileiro, as raízes da cultura nacional e a liberdade de Pindorama; donde o catequizador é agora devorado pelos que lhe eram submissos. Paralelamente, em Spinoza, a lógica moral, a leitura da consciência sobre os efeitos e Deus são analisados minunciosamente à moda dos geômetras (como é apresentado pelo próprio autor) o que representa uma ruptura para com o poder vigente exercido pela religião institucionalizada e, principalmente, uma ruptura com as ilusões que são deglutidas pelo intelecto quando em contato com encontros propícios à má afecção.

No que tange à liberdade, ambos os pensadores traçam linhas próximas quando ora um, ora o outro desmistificam a razão pendular e funcional do *parti pris* civilizatório. Este breque causado por uma teoria da “vida” sugere a negação dos automatismos contínuos das informações e também dos conhecimentos, sejam eles *know-how* ou reflexões acerca da sociedade que transcorrem as mesmas trajetórias.

Serão utilizadas também referências externas que dialogam com essas duas correntes principais aqui sintetizadas.

2. MANIFESTOS DESVAIRADOS

2.1. Pau-Brasil

Este primeiro manifesto datado de 18 de Março de 1924 é, de certa forma, prelúdio ao que o sucede e resultado da Semana de 22. Oswald reúne uma série de aforismos que exaltam uma produção brasileira contrária ao arcabouço literário importacionista, tendo o Pau-Brasil como matéria prima de exportação e também como identidade nacional inventiva. A “contribuição milionária de todos os erros” e o “ver com os olhos livres” são ideias trabalhadas por Oswald já relacionadas a uma origem do homem cordial que não é a erudição, a academia ou a especialização. Tanto o erro quanto o olho nu dizem respeito à abrangência das categorias de criação, negam a técnica da fôrma prontificada e investem no homem natural de Rousseau. É também neste sentido que a “*reação contra todas as indigestões de sabedoria*” (OSWALD, 1990) propõe pensar a deglutição antes mesmo da antropofagia; a erudição e a fixação pelo conhecimento quantitativo são condições intrínsecas à figura do homem civilizado, àquele que determina a via da conduta através da submissão dos que, por falta de tecnicidade, são controlados pelo diletantismo destes homens. Nietzsche escreveu no “Assim Falou Zaratustra”: “*De todo escrito só me agrada aquilo que uma pessoa escreveu com seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito.*” (NIEZTSCHKE, 2002 p.57) O rubor tupiniquim também se manifesta na

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: Icaruso22@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. André Monteiro Guimarães Dias Pires.

escrita, ao supor que a espontaneidade deve estar acima das fórmulas prévias. Recusá-las em nome do atrito entre sujeito e obra aparece em Maiakóvski; outro personagem ímpar para a poética moderna:

O matemático é o homem que cria, completa e desenvolve as regras matemáticas, o homem que introduz algo de novo no conhecimento da matemática. Quem pela primeira vez formulou que "dois mais dois são quatro" foi um grande matemático, mesmo que tenha chegado a essa verdade somando duas guimbas a outras duas. Os homens que vieram depois, ainda que somassem objetos muito grandes, por exemplo uma locomotiva com outra, não foram matemáticos. Esta afirmação de modo algum diminui o mérito do trabalho de quem soma locomotivas. Numa época em que os meios de transporte estão destruídos, o seu trabalho pode ser centenas de vezes mais precioso que a nua verdade aritmética, Mas não se deve enviar um cálculo sobre reforma de locomotivas a uma associação de matemáticos e exigir que ele seja estudado paralelamente à Geometria de Lobatchévski. Isto enraiveceria a comissão de planejamento, suscitaria dúvidas aos matemáticos e deixaria os calculadores de tarifas sem saber o que fazer. (MAIAKÓVSKI, 1984 p.169) [sic]

É importante destacar que a questão em torno da aplicação das fórmulas prévias foi pauta dentro dos movimentos vanguardistas em geral no início do século XX, e não uma ligação direta entre a poesia moderna russa com a oswaldiana e vice-versa. Ainda sim, o Pau-Brasil seria "o primeiro esforço organizado para a libertação do verso brasileiro" nas palavras de Paulo Prado.

2.2 MANIFESTO ANTROPÓFAGO

O movimento antropófago inicia nova fase do modernismo. O Pau-Brasil constituía a exaltação do primitivismo nativo em favor da cultura de exportação. A antropofagia pensa o lado político da história, opõe-se ao Verdeamarelo, grupo que se tornou Anta para a direita conservadora. Publicado em 1928, o manifesto é um jogo linguístico que atravessa a história do país junto dos símbolos míticos de Pindorama e representa a cristalização da reforma emergente na cultura brasileira. A rebelião individual do instinto caraíba planeja recriar o Brasil ao substituir as imagens que instalam a identidade nacional. Oswald data o manifesto de 374 da deglutição do Bispo Sardinha; essa rejeição do calendário romano é também a rejeição à instrumentalização do bárbaro e à catequese eurocêntrica. A antropofagia que nos une é a única lei do mundo, as demais convenções foram outorgadas pelas caravelas, tornaram-se roteiros do colonialismo. Em "Meu Testamento", Oswald remonta a história macrossistêmica da humanidade para explicar os desdobramentos do micro Brasil quinhentista até a modernidade, expondo as rotas cíclicas (momentos em que ora o individualismo protagonizava, ora o coletivismo) que decorreram de um período ao outro. Neste aspecto, o surgimento da antropofagia em atrito com a harmonia do nacionalismo *not tupi* demanda uma revolução da ordem e, conseqüentemente, a disputa antropofágica não decorreria somente sobre o processo de territorialização, mas do fato de que o português deixou de comer o homem para escravizá-lo (BENEDITO NUNES, 1990).

"Tudo que a alma compreende, do ponto de vista da eternidade, não o compreende porque concebe a existência presente atual do corpo, mas porque concebe a essência do corpo do ponto de vista da eternidade." (SPINOZA, 1983 p. 291) A dinastia compreende a vida pela subjugação do corpo outro, e, contrariamente, o Matriarcado totemiza o tabu porque concebe seu esquema mítico-social conforme os valores da prova dos nove; a alegria (OSWALD, 1990) que, numa leitura spinozana, está de acordo com Deus.

3. CIVILIZAÇÃO E AFECÇÃO

Civilização aqui seguirá aproximada do conceito de Patriarcado desenvolvido por Oswald na sua "Crise da Filosofia Messiânica". O pensamento oswaldiano sobre a racionalidade burocrática e a ascendência desta sob o cotidiano é esmiuçado na tese posterior aos manifestos, intitulada "Crise da Filosofia Messiânica" datada de 1950. Basicamente, um de seus maiores méritos consiste na categorização de duas instâncias sócio-históricas: O Matriarcado; representado pelas coletividades autônomas e desprovida de instituições e o Patriarcado; representado pelas sociedades cujo aparelho estatal regula a vida coletiva e cerceia a liberdade, legitimando a moral transcendente preservadora do *establishment*. Pindorama é matriarcal enquanto sua organização do território parte do princípio da *homeland*; não possui um projeto expansionista em si e sua população interage diretamente com o microssistema primitivo tornando-o espaço vivido. Os mitos, a linguagem,

a festa codificam a forma Pau-Brasil que é também luta contra a memória fonte (OSWALD, 1990); a experiência individual é renovação pois renega todas as lógicas socialmente impostas. Os Estados Unidos do Brasil, e, mais recentemente a República Federativa do Brasil, é essencialmente patriarcal: contém todos os elementos da pós-industrialização, além de se organizar sob os pilares Moral, Hierarquia e Messianismo. Se se considera a filosofia de Spinoza como uma filosofia da vida ou dos encontros (DELEUZE, 2002) haverá de levar em conta que o espaço urbano abrange tanto as possibilidades das boas afecções quanto das más. O que acontece é que o Patriarcado tende a delimitar uma via da construção padrão de conduta. Essa condição separa a sociedade em duas esferas principais de comportamento: o normativo e o outsider (ou desviante). As margens formadas neste processo de globalização e, conseqüentemente, fragmentação das identidades (STUART HALL, 2005) são sujeitas às figuras autoritárias do Patriarcado. Claramente, a racionalidade burocrática se distingue da razão de Spinoza; tanto na Ética quanto no Tratado da Correção do Intelecto a razão está ligada ao conhecimento da causa dos efeitos, portanto da substância. A consciência é ilusória, pois apreende somente o efeito enquanto o intelecto surge como apreensão das coisas em Deus e como conhecimento das determinações que nos são outorgadas pela Natureza Naturante. A razão pendular tecnicista do Patriarcado parece intentar mais em favor da continuidade de uma ideologia do que em tratar questões como as desenvolvidas por Spinoza sobre a codependência da felicidade com uma vida racional: *“Na medida em que os homens estão sujeitos às paixões, não se pode dizer que as suas naturezas concordam.”* (SPINOZA, 1983 p.243)

A cultura antropofágica do Matriarcado está diretamente ligada à concepção de sumo bem em Spinoza. Gozar da felicidade do intelecto leva também à partilha da “festa” com outros sujeitos. Não haveria por que definir margens numa coletividade de transvalorização (CAMPOS, 1992). Não há figura alguma instituída como modelo; eis o farolismo de Mário de Andrade:

Escritor de nome disse dos meus amigos e de mim ou que éramos gênios ou bêstas. Acho que tem razão. Sentimos, tanto eu como meus amigos, o anseio do farol. Si fôssemos tão carneiros a ponto de termos escola colectiva, esta seria por certo o “Farolismo”. Nosso desejo: alumiar. A extrema-esquerda em que nos colocámos não permite meio-termo. Si gênios: indicaremos o caminho a seguir; bêstas: naufrágios por evitar. (ANDRADE, 1955 p.30) [sic]

A cultura messiânica, típica do Patriarcado, está relacionada com o “fingir” conceituado no Tratado da Correção do Intelecto: *“quanto menos a mente entende, mas percebe mais das coisas, mais tem o poder de fingir, e quanto mais coisas entende, mais diminui aquela potência”* (SPINOZA, 1983 p.55).

O messiânico nunca é o messias, mas a representação deste. Ao mesmo tempo os induzidos confiam soluções a esses representantes porque se alimentam dos efeitos aparentes, oferecidos pelos projetos frequentemente observados na sociedade, onde um e outro apresentam diagnósticos do mal-estar na civilização e prometem a substituição da figura Pai por outra de mesmo gênero.

Na dialética entre homem natural e homem civilizado, sintetizando num homem natural tecnizado (OSWALD, 1990), uma das soluções encontradas foi a sublimação das estruturas do Patriarcado à lá James Burnham, ao fugir do socialismo real paradigmático. Tal modelo da “revolução gerencial” é questionável se posto em comparação com o materialismo histórico marxiano. Afinal como extinguir um modelo capitalista de produção por reformas paliativas da superestrutura? A história da segunda metade do século XX tem mostrado que a indústria, filiada aos Estados, é disforme, pois assume diferentes roupagens adequadas à norma mercadológica, semelhante ao que Adorno previra na Dialética do Esclarecimento quanto aos produtos culturais (logo, produtos superestruturais):

As distinções enfáticas que se fazem entre os filmes das categorias A e B, ou entre as histórias publicadas em revistas de diferentes preços, têm menos a ver com seu conteúdo do que com sua utilidade para a classificação, organização e computação estatística dos consumidores. Para todos algo está previsto; para que ninguém escape, as distinções são acentuadas e difundidas. O fornecimento ao público de uma hierarquia de qualidades serve apenas para uma quantificação ainda mais completa. Cada qual deve se comportar, como que espontaneamente, em conformidade com seu level, previamente caracterizado por certos sinais, e escolher a categoria dos produtos de massa fabricada para seu tipo. (ADORNO, 1947 p. 111)

Daí as reformas ou contrarreformas têm falhado na tentativa de superação do *status quo*; o período histórico e de produção intelectual tem, cada vez mais, submergido os grupos sociais em Flutuações da Alma (SPINOZA,

1983). O antagonismo gerado pelas redes múltiplas de informação provoca a vontade da ruptura, porém estas têm se dado mais em desconstrutivismos do quem em articulações político-sociais na *práxis*.

4. ANTROPOFAGIA COMO CONCEITO FILOSÓFICO

Oswald assinala na “Crise da Filosofia Messiânica” a diferenciação necessária do canibalismo para a antropofagia. O ato da devoração canibal é físico; diz respeito à fome ou a gula e satisfaz a subsistência do corpo. Já o antropofágico se alimenta pela sua ligação com o mundo espiritual, a carne de outrem é substância enteógena e proporciona ao devorador forças que antes compeliam ao que lhe é devorado. Essa cosmovisão do mundo é pautada pelo *religare* primitivista, enquanto o sagrado aqui, tal como o Deus em Spinoza é causa emanativa e imanente. Na obra mencionada, Oswald retrata a figura divina no contexto patriarcal da história social, esse conceito de Deus instituído que submeteria os homens à disciplina, à abstinência e ao trabalho.

A infelicidade das pessoas ativas é a sua atividade ser quase sempre um tanto absurda. Não se pode, por exemplo, perguntar ao banqueiro, que junta dinheiro, qual o objetivo da sua incansável atividade: ela é irracional. Os homens ativos rebolam como rebola a pedra, em conformidade com a estupidez da mecânica. Todos os homens se dividem, como em todos os tempos também ainda atualmente, em escravos e livres; pois quem não tiver para si dois terços do seu dia é um escravo, seja ele, de resto, o que quiser: político, comerciante, funcionário, erudito. (NIETZSCHE, 2000 p.116)

Thompson (2002) aponta a difusão dos relógios na Inglaterra do século XVIII como a legitimação da exploração de mão-de-obra do operariado. O controle do tempo passou a ser a medição da carga horária do trabalhador e o ócio um problema para o desenvolvimento da soberania industrial inglesa. O historiador chega a citar no seu “Costumes em comum” que a siderúrgica de John Cromley promulgou uma jornada de trabalho inicial de quinze horas e não tardou muito para que as escolas (que como Oswald indica, vem do grego *sxóle* e significa lugar do ócio) disseminassem a moral do uso econômico do tempo. Negócio é a negação do ócio; é o tempo utilitarista de finalidade prévia. O sacerdócio é o ócio sagrado; função dada aos pontífices da Igreja, sujeitos dotados de virtude cujo papel de porta voz divino consiste em estimular o lapidamento do espírito pelo trabalho, e, em troca, prometem a transição das sanções terrenas para a recompensa (paraíso) absoluta do *post-mortem*. Tanto um quanto o outro serviram de pilar para que a moral transcendente ocupasse lugar privilegiado na base social. Se Deleuze supõe a substituição do bom e do mal pelo bem e o mal (em Spinoza essas polaridades são entes da razão, e não da realidade) é porque esse sistema tem entrado em colapso quando posto na prática.

“Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.” (OSWALD, 1990 p. 50)

O nacionalismo romântico do índio de toucheiro (OSWALD, 1990) sustenta primordialmente a roupagem no indivíduo livre. Prefere-se certamente o Juca Pirama de sentimentos nobres ao Macunaíma avesso. Haroldo de Campos (1992) destaca duas vertentes observadas do nacionalismo: um ontológico e um modal. O primeiro se encontra nas dissidências da tradição romântica no Brasil. Busca o *logos* nacional através do regresso ao ente originário da formação cultural e, portanto, um caráter único e coerente que identifique sujeito e pátria. Haroldo propõe o rompimento com a plenitude monológica para oficializar um nacionalismo modal em que haja movimento dialógico da diferença. É disso que se segue a antropofagia oswaldiana: transvalorização dos costumes e não submissão. Não existe a noção de juízo final cristão no Matriarcado de Pindorama e nem mesmo o regresso às raízes como foi proposto pelos românticos. A antropofagia é o progresso (o da vida, não o das máquinas) do aqui e agora.

A voz de Deus s'escuta no Evangelho!
Que unção de amor nos lábios do Jesuíta!
Qual límpido crystal de claro espelho
Onde aurora reflecte-se infinita.
E como é doce o bárbaro quebrando
Os arcos seus, lançando-os na corrente!
-O Sol, que viu a paz, ficou guardando
Do deserto a palavra, que não mente.
E ainda um qual rumor longínquo e vago,

Qual o dos ventos ao través das selvas,
 O índio escuta sisudo; e além transvago
 Foge – á luz dos christãos prefere as trevas.
 (SOUSÂNDRADE, 1979 p. 63-64) [sic]

O guesa de Sousândrade é por excelência o andarilho errante; aquele que percorre diversos cenários físicos e os põe em conflito com a memória viva que carrega. A trama em que está inserido é a do enredo-destino que lhe consome, pois seu sacrifício final parece inevitável. Embora o Romantismo seja lembrado pela idealização do bom selvagem, tal como seria reproduzida posteriormente no verdeamarelismo protomoderno da Anta, o autor (pertencente à segunda geração romântica) desenvolve em versos a empreitada de uma figura cosmopolita que ora é abordado na primeira pessoa, ora na terceira; donde o percurso do personagem confunde-se com a vida do próprio Sousândrade. Essa epopeia como projeção de um herói trágico representante do identitário ameríndio, eleva o Brasil à peregrinação na busca da síntese dialética entre mito e humano, o que pode ser considerado um dos primeiros passos rumo à antropofagia moderna. Na passagem destacada o índio rejeita a luz cristã, e, portanto rejeita a revelação de seu universo sob a ótica colonialista do catequizador. A revolução caraíba quer a diferença e a contemplação do outro; a singularidade do sujeito revolucionário consiste na absorção das boas afecções e seu *ethos* antropofágico é tal como em Spinoza: “*Um objeto que vimos antes, simultaneamente com outros, ou que imaginamos nada ter que não seja comum a vários, não o contemplamos durante tanto tempo como aquele que imaginamos ter qualquer coisa de singular.*” (SPINOZA, 1983 p.205) O erro do nacionalismo ontológico está em atribuir ao singular o afastamento do primitivo (separa-se a conduta do civilizado contra os maus hábitos nativos). Contrariamente, satisfaz-se o apetite individual através da universalidade de objetos e encontros. Quanto mais o corpo assimila novas formas, maior sua potência construtora de significações e de obtenção de conhecimento.

A antropofagia então é a composição de um organismo ou de uma forma que comporte múltiplas identidades. A digestão apartará o que é saudável ao corpo e o que é excremento, o que pode ser descartado. O instinto caraíba é na verdade a busca pela liberdade das afecções; proporcionar ao intelecto clareza para que o mesmo possa distinguir o que satisfaz seu apetite potencial e o que lhe ludibria o livre arbítrio.

5. OCASO TROPICALISTA

A principal novidade tropicalista diz respeito ao lugar da canção no Brasil. Se antes Ary Barroso pretendia “pincelar” a brasilidade, agora a Tropicália mesclaria uma série de elementos, do brega à vanguarda, a fim de desprender as raízes do país dos moldes até então vigentes na cultura. Num projeto anti-linear e expansionista (FAVARETTO, 2000), os tropicalistas rejeitam a canção tradicional e a reiteram num universo macunaimico da linguagem, essa áurea caótica consiste num sincretismo antropofágico da cultura:

Já no tropicalismo há adequação entre o material inventariado – “as relíquias do Brasil” – e a sua estetização. O fundo étnico valorizado pela antropofagia aparece, aqui, sob a forma de valores da sociedade industrial, reduzidos a emblemas. As contradições culturais são expostas pela justaposição do arcaico e do moderno, segundo um tratamento artístico que faz brilhar as indeterminações históricas, ressaltar os recalques sociais e o sincretismo cultural, montando uma cena fantasmagórica toda feita de cacos. (FAVARETTO, 2000 p 60-61)

Tanto o pré-modernismo quanto o modernismo literário apropriaram-se do estereótipo brasileiro para reformulá-lo.

Capeta, pé-de-pato, dente-de-ouro, quero dente de ouro,
 quero capa de borracha, punho engomado, camisa,
 bengala castão de ouro, capeta, pé-de-pato,
 tome galinha-preta!
 Quero saber suas partes, suas sabedorias,
 quero saber mandingas,
 capeta, pé-de-pato, tome galinha preta,
 que eu quero quebrar banqueiro, que eu quero tirar botija,
 que eu não quero trabalhar, que eu também sou brasileiro!

(JORGE DE LIMA, 1997 p.73)

O “Diabo Brasileiro” de Jorge de Lima fora publicado um ano antes de Macunaíma. A preguiça do brasileiro (tema inclusive explorado anteriormente em “Vagabundo” de Álvares de Azevedo e “Hino à preguiça” de Bernardo Guimarães) compõe o personagem alegórico do malandro, ou daquele que aprecia os valores menores; o famoso “jeitinho”. Mário de Andrade no seu Prefácio Interessantíssimo da Pauliceia Desvairada sistematiza a trajetória do apogeu; que por sua própria natureza já é estagnação, e, portanto, decadência: “*Bilac representa uma fase destrutiva para a poesia; porque toda perfeição em arte significa destruição.*” (ANDRADE, 1955 p.26). O que está posto é o universo caótico de Pindorama contra a organização planificada dos colonizadores; a alegria frente às imposições, os padrões e modelos do Patriarcado.

A multiplicidade de elementos gera um *kitsch* tropicalista, bem em acordo com o Belo Horrível versus o Belo da Arte arbitrário e convencional (ANDRADE, 1955). Spinoza considerou que a alegria e a tristeza podem se manifestar a partir dos traços do sujeito ou do objeto que nos são assimilados pela consciência; a afecção humana não necessariamente paira sobre o todo. Por isso mesmo, frequentemente a contemplação do todo é direcionada pela extensão de uma particularidade que o compõe; as paixões agem sobre a consciência e esta recolhe tanto os efeitos como também atribui aspectos negativos ou positivos a uma parte daquele fenômeno, e, por conseguinte, compara e limita a totalidade do mesmo. A dificuldade em assimilar uma imagem monolítica da Tropicália está nesta caracterização cacofônica do movimento que reúne do arcaico ao moderno sem se pretender sobrepor a outras tendências da cultura, como a Bossa Nova e o Concretismo, mas sim, dialogando com elas. Não seria coerente determinar adjetivos que englobem o todo tropicalista na tentativa de lhe conferir rótulos, considerando ainda que a dubiedade do movimento está nas próprias contradições internas. Heloísa Buarque de Hollanda define o período tropicalista como a “expressão de uma crise”. A desilusão com os projetos de superação do imperialismo pela força socialista se deu com a esquerda stalinista soviética. O culto à personalidade de Stalin e a descoberta dos gulags reforçaram a necessidade de novas pautas na luta contra as repressões do Estado e do capital financeiro. A solução arquitetada foi a evasão massificada de partidários dos seus respectivos partidos e a articulação conjunta na luta de um outro inimigo: o autoritarismo. A Tropicália aparece contrária à direita conservadora, mas também à esquerda ortodoxa. É bem verdade que em vários casos não optar por nenhum lado resultou na opção pelo de maior força: Foucault (1988), um dos teóricos mais influentes na segunda metade do século XX representou o papel do poder nas relações humanas e nas instituições, mas acontece que esse mesmo pensamento mais tarde justificaria sua adesão ao neoliberalismo como diminuição do aparelho estatal e, supostamente, como solução aos problemas da soberania patriarcal. Sartre em sua obra *Sursis* (1947), segundo livro publicado da trilogia “Caminhos da Liberdade”, considera que a situação política é projeção das escolhas individuais; a seleção entre A e B não remete mais somente ao indivíduo mas afeta toda a conjuntura social. Os personagens têm então de se posicionar diante do Tratado de Munique de 1938 e da iminente Segunda Guerra Mundial, e enquanto uns optam por desertar, outros julgam que o problema dos Sudetos condizia à Tchecoslováquia e não à França. A liberdade sartreana difere bastante da mencionada por Spinoza: a primeira é uma determinação e a segunda é determinada. Isso significa dizer que o livre-arbítrio em Sartre é aspecto inerente ao Ser, optar entre uma coisa e outra envolve arcar com os desdobramentos dessas escolhas e por isso deve-se reconhecer esta disposição ao invés de agir por interferência da má-fé; enquanto em Spinoza o livre-arbítrio é uma ilusão, nenhuma escolha humana pode interferir na realidade ou na natureza, e, se tudo é derivação da substância, que é a causa de todas as coisas, então todas as suas propriedades são determinadas pela sua essência enquanto que não existe nada para além de Deus. O que há de ser aproveitado disso é que a Tropicália, com sua estética livre, incorporou também produtos do sistema mercadológico, do consumo e dos veículos de comunicação; fez da contracultura uma nova cultura e tornou-se porta voz da democracia. Porém, em contrapartida, foi a expressão de uma crise do Patriarcado, mas não a superação dele.

6. RAZÃO VERSUS LÓGICA PATRIARCAL

Os tratados e obras de Spinoza, datadas do século XVII, são coordenadas por rigorosa exposição de proposições que se relacionam e se justificam, numa metodologia axiomática, para resolver os problemas da razão e da metafísica. Serão utilizadas três de seus principais escritos para este capítulo: A Ética, O tratado da correção do intelecto e o Breve tratado de Deus, do homem e seu bem-estar. O filósofo quer sistematizar as relações humanas postulando o que cabe ou não ao sujeito para compreender experiências como a das paixões,

a felicidade, a tristeza entre outras. As riquezas, as honras e a concupiscência são valores supremos da vida humana posta, mas não condizem com o sumo bem e podem ser consideradas distrações da mente. A razão é ferramenta do intelecto que permite dissipar o que é ilusão e apreender a verdadeira essência das coisas: Deus. É essa racionalidade que permite que a natureza dos homens aja de comum acordo e que concede ao sujeito descobrir a potência de sua alma. O poder da alma é também poder do corpo; Spinoza rejeita a personificação antropomórfica de Deus e rompe com o platonismo idealista para chamar de paralelismo a teoria de que o corpo é indissociável da alma. Essa concepção foge à lógica convencional do Patriarcado messiânico, onde o trabalho do corpo é necessário para que a alma, num outro plano, possa gozar da eternidade *post-mortem*.

A concepção de utilidade é trabalhada tanto nas normas patriarcais quanto na obra de Spinoza, e, de acordo com o que foi explicitado anteriormente, em constante contradição de princípios. A moral assegura não o direito comum, mas a integridade do torso institucional e das configurações de poder; logo, utilidade aqui é viabilizar qualquer movimento que aja conforme a engrenagem do modo de produção. Essa mesma racionalidade burocrática delimita o código binário das conexões humanas para restringir a rota única do deslocamento civilizatório. A ética protestante (WEBER, 2004) promove a implementação de um novo conjunto de valores que são frequentemente reafirmados, substituindo pouco a pouco as reminiscências do Matriarcado. Ao apropriar-se das paixões (SPINOZA, 1983), o Patriarcado reintroduz esses valores numa lógica das relações que visa preservar sua constituição, ao mesmo tempo em que, naturaliza suas premissas morais adequando o contrato social e a propriedade aos discursos tecno-progressistas. O conhecimento verdadeiro deve estar de acordo com a virtude: “*Agir absolutamente por virtude não é, em nós, outra coisa que agir, viver, conservar o seu ser (estas três coisas significam o mesmo) sob a direção da Razão, segundo o princípio da procura da própria utilidade.*” (SPINOZA, 1983 p. 239) Ainda para Spinoza, alguns valores como a riqueza, devem ser conservados como meio de acesso a outras finalidades e não como coisa em si. Utilidade é: “*O que conduz à sociedade comum dos homens, ou seja, o que faz com que os homens vivam de acordo, é útil, e, inversamente, é mau o que traz a discórdia à cidade.*” (SPINOZA, 1983 p. 249) Deste ponto de vista, os desdobramentos da civilização são muitas vezes irracionais. No caso brasileiro, a ciência filiou-se às grandes empresas em meados dos anos 70, o que culminou na chamada Revolução Verde (PORTO-GONÇALVES, 2004). Modernizou-se o processo especializado do trabalho no campo para as multinacionais. O campesinato, além de ter que se sujeitar à mão-de-obra barata no latifúndio, sofreu ainda consequências dos efeitos da utilização do agrotóxico nas plantações assim como o consumidor. Aqui a ciência visa àquela lógica patriarcal do capital monopolista e do sistema de peonagem e, portanto, não convém à Ética de Spinoza porque é uma ideia do lucro e não da vida. Oswald compreende que “*nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós*” no Manifesto Antropófago e, por isso mesmo, a antropofagia salta contra os interditos da moralidade pra devorar a razão dos encontros.

7. CONCLUSÃO

Este artigo pretende esboçar rapidamente diálogos entre Oswald de Andrade e Baruch de Spinoza. Compreende também que a Antropofagia e a Razão não são conceitos antagônicos, mas sim necessários para a discussão da contemporaneidade. Isso significa dizer que o modelo-ideia de Pindorama indica a emergência de um *ethos* imanente, e, portanto, está de acordo com a felicidade e a potência dos homens porque possibilita os encontros e a construção de um conhecimento a partir da diferença, ou seja, a partir de elementos que induzem à transitoriedade identitária mas ao mesmo tempo preservam a noção de que todos provêm da mesma substância. A Razão não é a construção da civilidade mas a dissolução dos modelos ilusórios por excelência. Logo, ao contrário do que eventualmente pode ser dito, a racionalidade burocrática ou o racionalismo formal, esses métodos que visam o resultado pragmático das suas premissas, não são manifestações que concordam com a Razão Ética, mas contingências utilitaristas diretamente vinculadas às raízes da hierarquia estruturante da moral e da sociedade. No manifesto antropófago: “*Não tivemos especulação. Mas tínhamos adivinhação. Tínhamos Política que é a ciência da distribuição. E um sistema social-planetário.*” (OSWALD, 1990 p. 50) e por isso nos é imprescindível analisar o panorama social do Patriarcado; suas ramificações e sua essência. Compreendem-se as particularidades (mercado, consumo, instituições) para posteriormente entender a totalidade sob o ponto de vista da mente, e é aí que a realidade deve ser observada através da abundância de fenômenos (culturais ou sociais) ao invés de canalizá-los a uma única hipótese que não seja a causa primeira. Qualquer tentativa de postular uma teoria una, imediata e geral da humanidade pode ser considerada um reducionismo histórico; portanto, estabelecer contatos entre esses dois autores de períodos distintos e de

escolas diferentes pretende unir a literatura (seja na poética ou na filosofia) para compreender melhor seus objetos em comum e para mastigar, com quantos dentes forem possíveis, tudo o que apraz ao corpo.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor. **Dialética do esclarecimento.** Disponível em: https://nupese.fe.ufg.br/up/208/o/fil_dialectica_esclarec.pdf. Acesso em 23/04/2017 p.111
- ANDRADE, Mário. **Poesias Completas II.** São Paulo, Martins Editora. 1955.
- ANDRADE, Oswald. **A utopia antropofágica.** São Paulo, Editora Globo S.A. 1990.
- CAMPOS, Haroldo. **Metalinguagem e outras metas.** 4ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva S.A. 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática.** São Paulo, Escuta. 2002. p.9-35
- ESPINOSA, Baruch. **Os pensadores.** São Paulo, Abril Cultural. 1983.
- FAVARETTO, Celso. **Tropicália Alegoria Alegria.** 3ª ed. Cotia, Abril Editorial. 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir.** 6ª ed. Petrópolis, Vozes. 1988.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 10ª ed. Rio de Janeiro, DP&A. 2005.
- LIMA, Jorge. **Nossos clássicos.** 5ª ed. Rio de Janeiro, Agir. 1997. p.73
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra.** 2002. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/zara.pdf>. Acesso em 21/04/2017 p.57
- NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano.** São Paulo, Companhia das Letras. 2005.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Water. **Geografia da riqueza, fome e meio ambiente: pequena contribuição crítica ao atual modelo agrário/agrícola de uso dos recursos naturais.** 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/604/10751>. Acesso em 21/04/2017
- SARTRE, Jean-Paul. **Sursis.** São Paulo, Círculo do Livro S.A. 1985.
- SCHNAIDERMAN, Boris. **A poética de Maiakovski.** São Paulo, Editora Perspectiva S.A. 1984. p. 169
- SOUSÂNDRADE. **O Guesa.** São Luís, SIOGE. 1979. p. 63-64
- THOMPSON, E.P. **Costumes em comum.** São Paulo, Companhia das Letras. 2002. p. 267-304
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Disponível em http://www.nesua.uac.pt/uploads/uac_documento_plugin/ficheiro/8db98cff48151daf946fe625988763bfb0737c7e.pdf. Acesso em 23/06/2017